



# A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção  
da Psicologia Social

**ORGANIZAÇÃO**

Fernanda Amador, Simone Paulon, Vanessa Maurenente e Carolina dos Reis

# A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção  
da Psicologia Social

## ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon,  
Vanessa Maurenente e Carolina dos Reis



AbRAPSO EDITORA

Florianópolis - 2023



A Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) é uma entidade civil, autônoma e sem fins econômicos que reúne e organiza pessoas dedicadas ao estudo, ensino, investigação e aplicação da Psicologia a partir de um ponto de vista social no Brasil. Desde a sua criação, no ano de 1980, a ABRAPSO busca ensejar a integração da Psicologia Social com outros campos, incentivar e apoiar o desenvolvimento de ações no campo sociocomunitário, bem como garantir o compromisso ético-político de profissionais, investigadores, especialistas e estudantes da área com as populações submetidas a desigualdades e explorações sociais e econômicas, em condição de opressão ou violência de qualquer ordem, contribuindo para a transformação da sociedade brasileira no sentido da justiça e da igualdade.

Todos os anos a ABRAPSO realiza encontros regionais ou nacionais dedicados a mobilizar e estimular a dialogia acerca da Psicologia Social. O seu compromisso com a sistematização e difusão de saberes se expressam por intermédio da publicação de literatura especializada pela ABRAPSO Editora e pela Revista Psicologia & Sociedade.

Site: <http://www.abrapso.org.br/>

### **Diretoria Nacional da Abrapso – Biênio 2022-2023**

Presidente: Hildeberto Vieira Martins

Primeira Secretária: Lia Vainer Schucman

Segundo Secretário: Samir Perez Mortada

Primeira Tesoureira: Adriana Eiko Matsumoto

Segundo Tesoureiro: Alexandre Bárbara Soares

Diretora de Comunicação: Lílian Caroline Urnau

Diretora de Relações Externas: Céu Silva Cavalcanti



**ABRAPSO EDITORA**

**Editor Geral**

Emerson Rasera

**Editora Executiva**

Ana Lúcia Brizola

**Conselho Editorial**

Ana Maria Jacó-Vilela – UERJ

Andrea Vieira Zanella - UFSC

Benedito Medrado-Dantas - UFPE

Conceição Nogueira – Universidade do Minho - Portugal

Francisco Portugal – UFRJ

Lupicinio Íñiguez-Rueda – UAB - Espanha

Maria Lúvia do Nascimento - UFF

Pedrinho Guareschi – UFRGS

Peter Spink – FGV



A Editora da ABRAPSO adota a licença da Creative Commons CC BY:

**Atribuição-NãoComercial-SemDerivados - CC BY-NC-ND:**

Esta licença é a mais restritiva das seis licenças principais, permitindo que os outros façam o download de suas obras e compartilhem-nas desde que deem crédito a você, não as alterem ou façam uso comercial delas.

Acesse as licenças: <http://creativecommons.org/licenses/>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A pesquisa como criação de mundos [livro eletrônico] : 20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção da psicologia social / organização Fernanda Amador...[et al.]. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023.  
PDF

Vários autores.  
Outros organizadoras: Simone Paulon, Vanessa Maurenre, Carolina dos Reis.

Bibliografia.  
ISBN 978-65-88473-23-8

1. Ensino superior (Pós-graduação) 2. Pesquisa científica 3. Psicologia social I. Amador, Fernanda. II. Paulon, Simone. III. Maurenre, Vanessa. IV. Reis, Carolina dos.

23-168143

CDD-302

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicologia social 302

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

*Projeto gráfico e design de capa: Arnaldo Bublitz*  
*Arte da capa: **Vento não se captura, é sentido.***  
*por Zeca Amaral (ezequiel\_candidoamaral@hotmail.com)*

# **POLÍTICAS DO TEXTO:**

## **POR UMA ECOLOGIA ACADÊMICA**

*Luciano Bedin da Costa | Bruna Moraes Battistelli | Camilla Zachello  
Daniel Leal Racheli da Silveira | Gabriela Hammes Varela | Laura Barcellos Pujol de Souza  
María Laura del Huerto | Vitória Moro Bombassaro*

Ainda que estejamos muitas vezes mergulhados em uma algazarra de vozes e imagens que dão a impressão de um excesso de vida, se olharmos bem no fundo de nossa experiência enquanto seres sociais, na verdade, o que “resta” são escassos fragmentos de algo que pulsa e é compartilhável. Nesse caso, os vazios, os silêncios, a recusa em falar aquilo que se força a dizer, sinalizam também algo do nosso tempo, de quem somos. (Raquel Bierhals, 2019, p. 80)

Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer às organizadoras deste livro pela oportunidade de uma escrita coletiva em torno do grupo de pesquisa ‘Políticas do Texto’, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. O Políticas do Texto foi criado em 2015, com a preocupação de problematizar temáticas ligadas à escrita e à leitura no contexto das pesquisas de mestrado e doutorado. Em meio a um horizonte de criação coletiva, demos início ao projeto de pesquisa ‘Políticas do Texto: o escrever no território da Pós-Graduação’ com a expectativa de cartografar as relações que mestrandas/os e doutorandas/os estabelecem com suas próprias escritas e com as escritas/pesquisas de seus pares. No entanto, ao invés de optarmos por metodologias mais diretivas - entrevistas, formulários ou questionários - apostamos na constituição de espaços coletivos em que as/os estudantes pudessem dar corpo às suas questões através da própria escrita. Em nosso ver, não bastaria apenas convocar as pessoas para falarem sobre seus impasses, fantasmas e dilemas com a escrita, uma vez que estes são sintomas estruturais que nos acompanham em todo nosso processo de escolarização. Não é preciso uma profunda reflexão para nos darmos conta de que, desde a infância, somos subjetivados a vivenciar a escrita como uma obrigação ou competência à luz e sombra do poder. Isto se agrava ainda mais quando falamos de um país onde

sequer o ensino fundamental é efetivamente garantido e em que a universidade pública ainda é um espaço para uma pequena parcela de privilegiados.

## **PESQUISAR E ESCREVER NA ACADEMIA**

De modo preliminar, diremos que a concepção que temos de pesquisa ainda está eminentemente circunscrita a uma práxis cientificista. Deleuze e Guattari (1997) chamam este modelo de ciência maior, com artefatos e anteparos herdados de um positivismo ainda vigente e que se atualiza a cada novo confronto da/o pesquisador/a com seu campo de pesquisa. Mesmo que parta de territórios aparentemente flexíveis e fronteiriços – como no caso das pesquisas em humanidades –, a concepção de pesquisa ainda reserva para si marcadores de poder crivados pela imagem de uma ciência objetiva e, como tal, passível de identificar, separar, manipular e analisar seu suposto objeto com segurança. O escrever, nessa lógica, passa a ser um exercício secundário, uma operação de registro que se faz enquanto o pesquisador escrutina seu objeto, uma espécie de franja lógica da pesquisa, o exercício capaz de tornar claros e comunicáveis seus movimentos, hipóteses, constatações e, sobretudo, suas conclusões. Outro fator a ser considerado, e que está intimamente atrelado ao problema supracitado, é a questão da produtividade acadêmica e suas relações com os modos de pesquisar em nosso país. Autores como Bertonha (2009), Luiz (2006), Escobar e Verdinelli (2010) problematizam o tema, oferecendo-nos pistas para que possamos nos posicionar criticamente acerca dos modos de subjetivação produzidos por tal fenômeno que, dentre muitos aspectos, premia os pesquisadores mais profícuos, instituindo modos de pesquisar calcados na aceleração, na acumulação e na constante otimização da atividade produtiva. O escrever, circunscrito a esta lógica, passa a ser sinônimo de publicar, exigindo da/o pesquisador/a uma postura de escrita atenta aos periódicos científicos e ao *modus operandi* por eles indicados, respondendo à “Santíssima Trindade Produzir-Escrever-Publicar” (Costa, 2017a). Sobre tal questão, faz-se necessário explicitar o papel regulador que a Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível (CAPES) vem exercendo dentro do Ministério da Educação (MEC), coordenando e avaliando cursos, assim como estabelecendo parâmetros regulatórios às produções decorrentes. Tais critérios, ao serem igualmente propagados por outras agências de pesquisa, acabam situando essa lógica individual-produtivista como a única lógica viável de se fazer pesquisa, subnutrindo práticas investigativas amparadas no cuidado e no apoio mútuo. O “viável” aqui nos parece ligado a uma lógica patriarcal que, incrustada em modelos e protocolos institucionais, se faz repercutir em nossos corpos acadêmicos, tão submissos quanto dominadores.

Considerando que estes mesmos editais privilegiam pesquisadores ou grupos de pesquisa supostamente mais produtivos, e que a própria noção de produtividade está intimamente ligada à aderência à lógica de gestão neoliberal do conhecimento, fecha-se o contorno para a implementação e manutenção deste novo design de universidade. De modo explicitamente ambíguo (assim como a ambiguidade ontológica do próprio neoliberalismo), será preciso pagar a suposta liberdade/autonomia do pesquisar com a moeda de uma cega e silenciosa submissão a avaliações tão opacas quanto perversas. O dito pesquisador universitário torna-se, doravante, a imagem de um sujeito individual, competitivo, paranoico e necessariamente submisso. (Costa, 2017b, p. 24)

No entanto, ainda que tenhamos um aumento significativo no ranking mundial de produtividade acadêmica<sup>1</sup>, pesquisas como as de Ricci (2009) nos fazem pensar nos efeitos de tal situação e no que isto acaba por implicar em termos de saúde discente/docente. Nessa direção, faz-se também consequente e crescente o aumento do estresse e adoecimento discente/docente, conforme nos apontam Santos e Alves (2007), Voltarelli (2002) e Legal e Verdinelli (2005). Em nosso grupo de pesquisa, retomamos o que Escobar e Verdinelli (2010, p. 3) chamam de “corolário de um capitalismo acadêmico”, problematizando-o junto a mestrandas/os, doutoranda/os e demais pesquisadoras/es, de modo que encontrem ferramentas críticas e sensíveis, capazes de pôr em análise os impactos deste em seus textos, assim como as estratégias de resistência operadas no interior deles. No entanto, não pensamos o escrever como atividade meramente denunciante, mas enquanto superfície para que essas forças possam se exercer em termos de enunciação, para que as/os pesquisadoras/es consigam manejá-las em suas próprias práticas de escrita. Ao invés de um mero produto da pesquisa<sup>2</sup>, assumimos a escrita (de um trabalho de conclusão, dissertação ou tese) como agência capaz de amalgamar pesquisa, pesquisador/a e coletivo em um mesmo abraço.

## DO PUZZLE-1 AO ABRAÇO

O que quer com uma escrita? - você tenta um pensamento e responde - é que ela se coloque diante da literatura ao experienciar o ato de escrever como num tabuleiro. Haverá jogo? (Vicente, 2017, p. 93)

- 1 De acordo com Ricci (2009), o Brasil foi o país que mais cresceu na lista das 20 nações com mais artigos publicados em periódicos científicos indexados pelo ISI. Em 2008, 30.145 artigos de instituições brasileiras foram aceitos nessas publicações. Em 2007, esse número era de 19.436. Com o crescimento, o Brasil ultrapassou Rússia e Holanda no *ranking*. Esses 30 mil artigos representam 2,12% da produção mundial.
- 2 Nos incomoda a designação das dissertações e teses enquanto produtos, uma vez que, no neoliberalismo mundial integrado, o termo produto se vê deslocado de todo o seu processo de produção, não importando o território, a cultura e as condições em que este é produzido.



Desde a criação do grupo, em 2015, já foram oito dissertações defendidas<sup>3</sup>, sendo que atualmente (abril de 2021) contamos com 9 pesquisas em andamento (4 de mestrado e 5 de doutorado). A convocatória para a escrita deste livro nos levou a olhar para estas produções, a farejar nos rastros já deixados algumas pegadas que pudessem revelar para onde estamos indo. Em pesquisa submetida à época, havíamos criado a imagem do *puzzle-1*, publicações de baixo custo que faríamos ao longo da pesquisa no intuito de socializar as escritas produzidas coletivamente em ateliês e seminários oferecidos pelo Políticas do Texto a estudantes de pós-graduação. Esses textos menores produzidos por mestrandas/os e doutorandas/os funcionariam como peças de um quebra-cabeça por vir, de um *puzzle* de figuras acerca do escrever e pesquisar no território acadêmico. Retiramos a ideia de *puzzle* do livro *A vida modo de usar*, de Georges Perec (2009), romance em que a imagem do quebra-cabeça se faz central. No preâmbulo do livro, Perec se refere ao *puzzle* como uma arte menor, mínima, contida nos rudimentos da *gestalt* teoria.

O objeto visado - seja um ato perceptivo, seja uma aprendizagem, seja um sistema fisiológico, seja, no caso presente, um quebra-cabeça de peças de madeira - não é uma Gestalt soma de elementos que teríamos inicialmente de isolar e analisar [...] o elemento não preexiste ao conjunto, não é nem mais imediato nem mais antigo; não são os elementos que determinam o conjunto, mas o conjunto que determina os elementos; o conhecimento do todo e suas leis não é passível de ser deduzido do conhecimento separado das partes que o compõem. (Perec, 2009, p. 11)

Neste fragmento que abre o livro, o autor nos provoca a pensar a dialética entre o todo e suas partes, dialética que, através do *puzzle*, só é possível de ser estabelecida na experiência do sujeito que se coloca a montar um quebra-cabeça. “Isso quer dizer que se pode observar uma peça de *puzzle* durante três dias e achar que se sabe tudo sobre sua configuração e cor, sem que com isso se tenha avançado um passo sequer; a única coisa que conta é a possibilidade de relacionar essa peça a outras peças” (Perec, 2009, p. 11). Para além da dialética, o que nos interessa nessa leitura sobre o *puzzle* é sua aposta na relação, uma vez que avançar na montagem

- 3 (1a) “Políticas da bolha: por um itinerário de pesquisa menor”, de Lucien Soldera Corseuil (2017); (2a) “Escrever em Saúde Mental Coletiva: A Pedagogia em Jogo de Luz e Sombra”, de Gisele Vicente da Silva (2017); (3a) “A cidade escrita, a escrita em imagens: rastros de um hotel dos viajantes”, de Laura Barcellos Pujol de Souza (2018); (4a) “Figuras para uma clínica política institucional: análise de implicação e gestos de gestar relações não-fascistas”, de Emanuel Otto Schwieder (2019); (5a) “A vidas das mulheres infames: biografemas e escrita de outras histórias políticas públicas”, de Raquel Bierhals (2019); (6a) “A escuta em vertigem: otocartografias do presente”, de Gessica Carneiro da Rosa (2019); (7a) “Laboratório Cartográfico: Masculinidades, Polifonia e Rua”, de Theo Storchi (2020); (8a) “Narrando experiências políticas íntimas: arte, crítica e criação de mulheres”, de Christine Gryschek (2021).

de um quebra cabeça significa estabelecer mais relações entre as peças, sendo que, a cada nova conjunção, a imagem vai se revelando até sua totalidade.

Se, por um lado, a dimensão relacional nos interessava, por outro nos víamos reticentes quanto à ideia de totalidade. Se entendíamos o conjunto de textos produzidos como um *puzzle*, seria interessante pensarmos este conjunto enquanto processualidade, não se esgotando em um produto ou imagem final. Chegamos então à concepção do *puzzle-1*, ideia inspirada no conceito de “n-1”, indicado por Deleuze e Guattari (1995) para designar o princípio da multiplicidade, da operação que não se esgota em um conjunto final (n), formado pela soma de todas as partes. Para os filósofos, a operação pelo negativo (n-1) é o que torna o conjunto sempre aberto e conectável, tal qual uma raiz, um rizoma. Trata-se de uma espécie de subtração conjuntiva que não se reduz a uma ideia de falta ou incompletude. Ao relacionarmos a produção coletiva de textos ao *puzzle-1*, apostávamos na inesgotabilidade do jogo, de montagens (de textos) sempre provisórias e localizadas, reiterando o princípio da processualidade.

Se, em 2015, as peças de nossa pesquisa eram talhadas por nomes próprios já conhecidos - Deleuze, Guattari, Barthes, Foucault e Blanchot -, outras peças foram se aproximando de nosso tabuleiro de pesquisa. Junto a estas peças maiores, somaram-se peças que atendem por nomes próprios outros: bell hooks, Conceição Evaristo, Davi Kopenawa, Suely Rolnik, Franz Fanon, Ailton Krenak, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Gloria Anzaldúa, Rodolfo Kush, Adrienne Rich, Pilar Quintana, Teresa Cárdenas, dentre outras. Se o conjunto previsto em 2015 era um, em 2021 ele se anuncia outro. As provocações decoloniais oriundas dos feminismos e das cosmologias dos povos originários produziram rupturas a ponto do próprio *puzzle* ser colocado em questão. Mais do que peças, o que estes nomes próprios trouxeram ao grupo foi uma espécie de *coragem de cuidado*, coragem para assumir o cuidado enquanto ferramenta de pesquisa, cuidado para com a escrita, cuidado para com as condições de escrita, cuidado para com as relações estabelecidas na escrita, através da escrita e para além da escrita. Do quebra-cabeça (*puzzle*) partimos para a imagem do abraço, esta tecnologia leve e eminentemente relacional. Sobre esta questão, estamos com Diego Marques (2018, p. 149), quando nos diz que “a história dos grandes eventos se fez por beijos, mas a do devir dos acontecimentos se faz por abraços”. No entanto, a ideia do abraço nos chegou posteriormente à criação do grupo, uma vez que ela só se fez presente em 2019, quando buscávamos um logotipo para o Políticas do Texto. Foi Gabriela de Souza Monteiro, licencianda de artes visuais e integrante do grupo, que materializou o que estava pulsando em nosso grupo, oferecendo-nos uma imagem repleta de detalhes e com uma semiótica bastante plural.

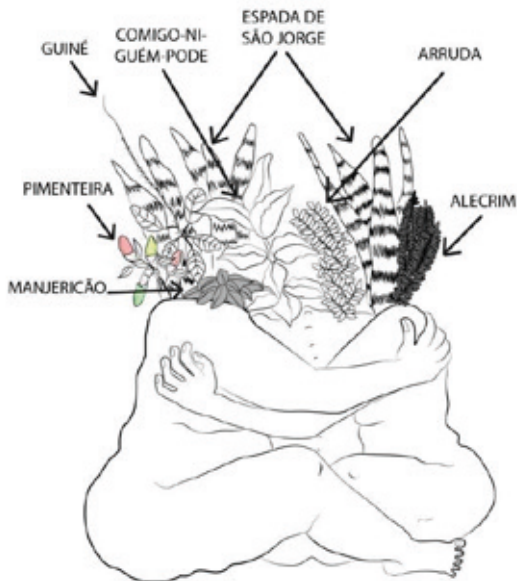


Políticas do Texto - UFRGS

Fonte: Arte de Gabriela de Souza Monteiro, @oborosboros

## ESCREVER A SETE ERVAS

Foquemos na imagem acima. Na cena há duas pessoas se abraçando, com plantas brotando de seus pescoços. Em um mundo acadêmico, em que a racionalidade produtiva individual é tida como um valor maior, quais os riscos quando apostamos no coletivo e em outras formas de conhecimento? Qual o risco que se corre quando, ao invés de pensamentos sistematizados, apostamos na intuição e nos saberes que se fazem pelo corpo? É possível abraçar saberes ancestrais e ao mesmo tempo responder aos ditames da academia? Com ervas brotando de nossas cabeças, nos perguntamos sobre as dimensões do cuidado (e de cura) que nossas escritas podem oferecer, sobre a possibilidade de não somente dissertarmos sobre o cuidado, mas de tornarmos possível o agir do cuidado em nossos corpos-abraços. Se focarmos ainda mais na imagem, veremos que são sete as ervas presentes - Manjerição, Pimenteira, Guiné, Comigo-ninguém-pode, Espada de São Jorge, Arruda e Alecrim - cada qual com propriedades singulares e ao mesmo tempo conectáveis.



Diversas tradições consideram o número sete sagrado, cabalístico e espiritual. Nesta toada, sete são os períodos da vida, as cores do arco-íris, os dias da semana, as notas musicais, as maravilhas do mundo (ao menos as da primeira listagem), os principais chacras etc. A presença do número sete se dá também nas religiões africanas. Na Umbanda, por exemplo, sete são as linhas maiores de trabalho e os Orixás: Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Oxum, Iemanjá e Iansã. Nossa aposta nas ervas não diz respeito somente ao número sete, mas também nos gestos de cuidado e proteção que cada uma destas ervas é capaz de operar através de nossas escritas. Se, por um lado, nunca é demais pedir por proteção e cuidado às nossas escritas, por outro é possível pensar que as escritas podem, elas mesmas, operar como proteção e cuidado a outrem.

Para este texto fizemos um exercício coletivo e experimental de escrita na tentativa de trazer algumas especulações iniciais sobre cada uma das sete ervas, as quais apresentamos abaixo.

## COMIGO-NINGUÉM-PODE

Com folhas graúdas e vincos esbranquiçados, costuma-se relacioná-la a uma função ornamental. No entanto, muitos desconhecem seu potencial toxicológico, uma vez que possui pedaços minúsculos rígidos que, ao passarem pela mucosa comum do sistema digestório e respiratório, irritam a pele e fazem com que ela inche, impedindo a passagem de ar. Há também um potencial perfurador destas partículas quando em contato com as mucosas. Espiritualmente, a esta erva são atribuídos efeitos como a proteção contra o mau-olhado e a inveja, atraindo boas energias, limpando e fortalecendo o campo energético. No entanto, sabemos que os ensinamentos alquímicos afirmam que o que determina o veneno ou o remédio é a quantidade e a forma de uso. Com a comigo-ninguém-pode, não é diferente. Se queres escrever um texto forte e enraizado para enfrentar o corpus racional-patriarcal-branco-científico da academia com potência, recomenda-se fortemente o seu plantio e uso. Para textos combativos e incomodativos, para sacudir o pensamento colonizador, para que *conosco-ninguém-possa* mais mexer sem receber uma boa resposta, escrevemos com esta erva poderosíssima e intensa. Mergulhe seu texto em um banho de comigo-ninguém-pode. Enquanto o artigo/tcc/dissertação/tese absorve suas propriedades mágicas, tire um longo sono restaurador.

Nunca utilize da cabeça para cima.

## ESPADA-DE-SÃO-JORGE

Proteção. Amuleto. Escudo contra energias negativas e maus espíritos. Espanta quebranto e mau-olhado. *Saravá Ogum!* Originária da África, uma planta guerreira cujas folhas são compridas e suculentas, com manchas rajadas em verde escuro, que crescem em direção ao céu. Simboliza a força e a coragem, a bravura e a fé. A espada com borda amarela é chamada espada-de-Santa-Bárbara ou espada-de-Iansã, sobrenomes que marcam o sincretismo brasileiro característico da Umbanda. Gosta de sol e luminosidade, mas também pode viver nas sombras. Resistente, sobrevive em altas e baixas temperaturas. É um filtro natural contra a poluição e a emissão de toxidades. Indicada pela Nasa para a purificação do ar. Absorve elementos perigosos como o benzeno, o xileno e os formaldeídos, presentes em produtos químicos de limpeza e solventes, metabolizando-os ao longo do dia para de noite liberar altos níveis de oxigênio. Uma planta anticapitalista que nos faz respirar melhor. Dizem que a Espada-de-são-jorge, quando colocada nos cantos do trabalho de escrita, afasta o mau-olhado e as forças conservadoras fogem dali rapidamente. Em textos antifascistas, utilize sem moderação, pois é uma planta odiada por forças ultraconservadoras. Espada-de-São-Jorge é aquela referência bibliográfica que intensifica o campo de combate. Em textos para os

quais lhe faltar coragem, coloque uma espada-de-são-jorge logo de saída, para que a potência de agir não abandone o ato da própria escrita. Ela pode ser utilizada para amenizar o medo da página em branco, para espantar a poeira de escritos engavetados que desejam ir para o mundo.

## **ALECRIM**

O aroma do alecrim favorece a concentração, auxilia o fluir do movimento antes e após alguma atividade. Aroma erval, adstringente e energético. Desaconselhável seu uso em pessoas hipertensas por potencial hipertensor. Útil em cuidados em contraturas musculares, câimbras de idosos e adultos, torcicolo, entorse, luxação, mialgia e dor localizada por esforço esportivo. Ameniza dores de hemorroidas. Estimula a circulação dos líquidos corporais. Potencial digestivo, atenua dor de cabeça e enxaqueca. Fortalece o sistema nervoso, estimula a memória. Revigora, reduz a letargia mental e o cansaço. Prepara a mente e o corpo para iniciar o dia com disposição e alegria. Anima, alivia a tristeza da mente depressiva. Útil nos cuidados dos distúrbios hormonais na TPM, climatério e menopausa. Apazíguia o desconforto da arritmia cardíaca. Aroma do bom humor, fresco e relaxante. Dizem que aromatizar o ambiente queimando um pequeno ramo de alecrim ajuda a abrir o pensamento na hora que se senta à escrivaninha para escrever um texto. O alecrim atua nas ondas cerebrais, abrindo brechas no racionalismo científico e permitindo uma pequena passagem para o delírio. Segundo pequenas pesquisas realizadas empiricamente na sala de estar, quando o alecrim se dissipa no ar nos sentimos relaxados e não pensamos mais em prazos e entregas do texto. Nesse momento, vale a pena relaxar e ler um bom poema. Coadjuvante na expectoração do muco, o alecrim pode ser uma ótima opção para aqueles textos em que precisamos escarrar, no intuito de lançar mão do viscoso e incomodativo muco que nos impede respirar de maneira plena. O alecrim também é utilizado para tratar eczemas e pequenas feridas, inclusive aquelas localizadas no mais íntimo e oculto do nosso ser. Feridas desse tipo costumam atormentar pesquisadores iniciantes, que passam por primeira vez longas horas sentados frente ao texto, noite após noite. Sua propriedade antioxidante também protege os textos, deixando-os imunes ao estresse do escritor. O alecrim ajuda a espantar insetos, pragas, e pensamentos colonizados, por isso é recomendável usá-lo minutos antes de sentar-se a escrever.

## **PIMENTEIRA**

Aquece a musculatura e as extremidades. Queima calorias. Coadjuvante em tratamentos de emagrecimento. Potencial anti-inflamatório e analgésico. Usada para amenizar a dor muscular, fibromialgia, torcicolo, reumatismo, dor de cabeça.

Ativa a circulação. Diurético. Aroma quente e picante, estimula a produção de endorfinas, relaxa a tensão mental e desperta o corpo para o prazer do toque. Erva da vitalidade e da prosperidade. Revitaliza e alivia a depressão. Afrodisíaca, aumenta a sensualidade e o apetite sexual. Otimiza a tomada de decisões e a ação. Indicada para as pessoas apreensivas e preocupadas que precisam de força para as transformações. Descongestionante respiratório. Desinibe aquelas que têm vergonha do corpo. Aporta o sentimento de merecimento da riqueza do universo, permitindo a entrada da prosperidade na vida. A pimenteira produz a pimenta, cujo universo de possibilidades amamos para a vida e para os textos. A pimenta, quando entra em um texto, torna-o muito mais picante e saboroso, pois a pimenta tem a capacidade de incrementar os sabores de outros temperos. Lembrando da regra da pimenta: quanto menor, mais picante. Não tente nada com aquelas pequeninas pimentas brancas: quando chegam à língua amortecem por completo gerando dores lancinantes e você perderá a capacidade de falar por alguns minutos à procura de uma solução imediata. Existem textos que, de tão apimentados, precisam ser equilibrados com elementos lácteos e acalentadores. Outros textos são gostosos por serem picantes, sensuais, como aqueles belos ensaios frutos de uma longa pesquisa apaixonada. A pimenta é um afrodisíaco maravilhoso e cai muito bem em textos longos - nestes, é possível utilizar as pimentas vermelhas e doces, para manter a leitura cativa; em textos pequenos, use tiros curtos de pimenta e leve as leitoras e leitores à loucura.

## **MANJERICÃO**

Aroma da integração. Aroma doce, suave, tônico, revitalizante ambiental, harmoniza consciente e inconsciente. Integra pensar, sentir, falar e agir. Traz equilíbrio entre o individual e o coletivo, aportando reconhecimento e respeito para as necessidades de ambos. Atenua a dualidade matéria e espírito, integra os opostos. Pode tranquilizar e acalmar a taquicardia nervosa. Potencial digestivo, coadjuvante nos cuidados para atenuar cólicas intestinais e menstruais, gases e sonolência após as refeições. Potencial antiviral. Auxilia contra enjoos. Aroma da estabilidade. Útil no esgotamento mental daqueles que se esgotam e sacrificam-se para servir aos outros e esquecem de si. Estimula a paz interior. O manjericão é muito utilizado em molhos encorpados acompanhados de um bom vinho. Pode ser utilizado de forma moderada durante os preparos, mas, se o manjericão viesse a ser incorporado em um texto, o melhor seria servi-lo cru, após o preparo, quando o prato textual já estiver nos seus arremates finais. Sirva o texto em um prato de bonita apresentação, e coloque as folhas por cima, mexendo levemente para que os sabores se misturem. Combina com textos vermelhos e aromáticos. Use a gosto.

Desfolhar manjericão é um ótimo exercício de paciência.

## GUINÉ

*Pettiveria alliacea*, planta nativa de regiões tropicais, poderosa, perigosa, mágica. Tem um pouquinho dela em toda parte, Amazônia, Caribe, África. Muito usada na medicina tradicional, se faz antibactericida, inseticida, antifúngico, anti-reumático e por assim vai. O perigo está no consumo desassistido já que pode causar alucinações, problemas no sistema nervoso central e levar à morte. Não apenas a medicina tradicional usufrui dos benefícios dessa planta, mas estudos têm sido feitos para que ela seja usada como antibiótico alternativo para bactérias super-resistentes. Tão forte ela é. Se acredita que a Guiné traz paz, limpa ambientes pesados por ter uma energia quente. Ela queima aquilo que precisa ser renovado, ela queima o que a gente não consegue queimar. A paz que ela traz é graças a essa força transformadora do fogo em suas folhas. Um texto onde o medo impera deve ser visitado pela Guiné para libertar, queimar aquilo que prende, transformar a escrita em libertação e não esconderijo. A Guiné vem para libertar nossas mentes, nossas mãos e nossas palavras.

## ARRUDA

Planta medicinal com propriedades analgésicas, calmantes, cicatrizantes, antioxidantes, anti-inflamatórias, contraceptivas e vermífugas. Auxilia no tratamento de dores de cabeça, varizes, dores reumáticas, úlceras, cistos, cólicas menstruais e dores de estômago. Também ajuda a combater piolhos, sarnas, pulgas e vermes. Facilita a absorção de vitamina C, aumentando a imunidade do corpo. Fortalece e aumenta a flexibilidade dos vasos sanguíneos, prevenindo coágulos e ajudando na circulação do sangue. Foi muito utilizada ao longo da história por mulheres que desejavam abortar. Suas folhas são verdes e as flores amarelas e possuem um aroma especial. Recomenda-se o chá de arruda para quem precisa enfrentar as ansiedades da produção acadêmica, mas é preciso cuidar o excesso e tomar em doses adequadas, pois uma alta concentração do chá pode levar a hemorragias internas, tremores, convulsões, dores abdominais e problemas gástricos. Em um texto, como na Grécia Antiga, pode-se colocar um ramo de arruda na orelha do livro para proteção, afastando doenças e mau-olhado. Um texto que teve incorporadas as propriedades da arruda, é um texto curativo, um texto potente para erguer as vontades e os desejos e colocar em curso trocas profundas entre diferentes.

Vai lá fora e dá um tapa na arruda  
Já dizia minha mãe  
toda vez que algo ruim acontecia.



## **POR UMA ECOLOGIA ACADÊMICA**

Duas figuras sentadas no solo úmido, uma em frente da outra e abraçadas, onde ervas emergem de seus pescoços, substituindo suas cabeças, direcionando-se aos céus, em busca de luz. Ou seriam os corpos humanos uma extensão das raízes dessas ervas? De qualquer forma, outros organismos se aproximam desses corpos-herbáceos. São borboletas, morcegos, beija-flores, abelhas, moscas, lagartos, enfim, uma diversidade de formas de vida que são atraídas por esses corpos-herbáceos e, ao visitá-las, acariciam suas flores. Alguns buscam alimento, outros abrigo, outros ainda apenas procuram uma sombra para se deleitar. Encontram-se ali tantas outras experiências de vida ainda, como um tardígrado que vive na água empoçada em uma das flores. Pequenos detritívoros arrastam-se sobre o solo, permitindo entradas de oxigênio através dos túneis formados por seus corpos arredondados e diminutos. Tatuzinhos de jardim, minhocas, lacraias, bactérias e fungos nutrem a terra que sustenta os corpos plurais que fazem casa nesses corpos-planta. O território é um caminho dinâmico de trocas e encontros entre seres diversos. Entre esses encontros, os corpos desses organismos visitantes acobertam-se por pólen de seus anfitriões herbáceos. Entre as idas e vindas, esses seres trajados de mantos polínicos partem em direção às outras figuras dispersas nesse vasto mundo, como a desses corpos-herbáceos, e, ao lambê-las com seus corpos dispersam tudo isso que trouxeram de seus encontros prévios, para outros organismos: trazendo e levando pequenos grãos de pólen, estabelecendo redes, criando novos parentescos.

No momento, é com pistas humanas e não-humanas que saímos em busca de aliadas e aliados em nossas pesquisas em educação e psicologia social. Falamos de uma ecologia acadêmica, de um pesquisar enquanto pertença viva, de escritas vulneráveis às inusitadas vidas que corajosamente brotam de nossos endurecidos pescoços acadêmicos.

## REFERÊNCIAS

- Bertonha, João Fábio** (2009). Produção e produtividade no meio acadêmico: a “ditadura do Lattes” e Universidade contemporânea. *Revista Espaço Acadêmico*, 100, 6-9. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/7978/4560/>
- Bierhals, Raquel R.** (2019). *Vidas de mulheres infames: biografemas e escrita de outras histórias em políticas públicas* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional UFRGS, Porto Alegre/RS]. [http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001109811&doc=2020&l=056402bb14430\\_062](http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001109811&doc=2020&l=056402bb14430_062)
- Costa, Luciano Bedin** (2017a). *Ainda escrever*: 58 combates para uma política do Texto. Lumme.
- Costa, Luciano Bedin** (2017b). Aos que ainda escrevem: a escrita acadêmica nos designs do neoliberalismo. *Linha Mestra*, 33, 21-28. [https://linhamestra0033.files.wordpress.com/2018/01/03\\_luciano\\_bedin\\_da\\_costa.pdf](https://linhamestra0033.files.wordpress.com/2018/01/03_luciano_bedin_da_costa.pdf).
- Deleuze, Gilles & Guattari, Felix** (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Editora 34.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Felix.** (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Ed. 34.
- Escobar, Maria A & Verdinelli, Miguel** (2010). Percepção do discente sobre produtividade científica em um programa de pós-graduação strito sensu. In *Anais do X Colóquio Internacional sobre Gestión Universitaria en America del Sur*. UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/97083>
- Legal, E. J. Silveira & Verdinelli, Miguel** (2005). Sintomas de burnout e estresse ocupacional em professores universitários de um curso de psicologia. In *Anais do V Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul*. UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96998>
- Luiz, Ronir** (2006). Avaliação de produtividade acadêmica: uma proposta de quantificação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 3(6), 300-312. <https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/112>
- Marques, Diego** (2018). As paixões distópicas como formas de abraçar o futuro: posfácio. In L. Costa & D. Marques (Orgs.), *A hora do pesadelo: paixões distópicas em educação* (pp. 147-150). Sulina.
- Perec, Georges** (2009). *A vida modo de usar*. Companhia das Letras.
- Ricci, R.** (2009). A peculiar produção intelectual do Brasil recente. *Revista Espaço Acadêmico*, 9(100), 16-22. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/8024>
- Santos, André F. & Alves, Antônio** (2007). Estresse e estratégias de enfrentamento em mestrands de ciências da saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 104-113. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722007000100014&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722007000100014&script=sci_abstract&lng=pt)
- Vicente, Gisele** (2017). *Escrever em Saúde Mental Coletiva: A Pedagogia em Jogo de Luz e Sombra* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, Porto Alegre/RS]. [http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001083517&doc=2018&l=b6a-8ede007889e\\_6f](http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001083517&doc=2018&l=b6a-8ede007889e_6f)
- Voltarelli, Júlio C.** (2002). Estresse e produtividade acadêmica. *Revista Medicina*, 35(4), 451-454. <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/866>